

O TRABALHO DA COMISSÃO NACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA E O ECUMENISMO PRÁTICO

Rafael Vilaça Epifani Costa¹

Wilson Cardoso de Sá²

RESUMO: Surgida em 1982, a Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana (CONAC) é fruto do diálogo desenvolvido pelo Sínodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Sua principal missão é traduzir, estudar e divulgar os textos da Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (ARCIC, sigla em inglês), organizada em 1966, a partir do encontro entre o Papa Paulo VI e o Arcebispo de Cantuária Michael Ramsey. Apesar dos esforços e dos frutos gerados pelo trabalho conjunto da CONAC, sobretudo nos anos 90 e início dos anos 2000, nos anos seguintes houve uma estagnação das reuniões da Comissão, especialmente no período do pontificado do Papa Bento XVI e das crises institucionais que afetaram internamente a IEAB. Tomamos por objeto de pesquisa o trabalho até então realizado pela Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana, e, sendo tal pesquisa de cunho qualitativo, pautamos sua fundamentação teórica a partir de fontes documentais e bibliográficas, as quais classificamos como primárias – os documentos da ARCIC traduzidos e comentados pela CONAC e demais documentos ligados às duas Igrejas –, secundárias – livros sobre a história do diálogo anglicano-católico romano, em nível internacional e nacional – e terciárias – notícias veiculadas na Internet, de acontecimentos ligados às atividades da Comissão Nacional. Neste trabalho buscaremos analisar os avanços e problemas surgidos desde sua fundação e propor saídas para a continuidade desse diálogo entre as duas denominações cristãs, a partir do conceito de um Ecumenismo Prático, de modo a atualizar as pesquisas sobre o tema no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: CONAC. Igreja Católica no Brasil. Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Diálogo Ecumênico.

¹ Professor universitário no Centro Universitário Joaquim Nabuco (UNINABUCO – Recife). Bacharel em Direito (2014) e mestre em Ciências da Religião (2017), pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), atualmente cursando o doutorado em Ciências da Religião pela mesma instituição. Graduando em Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Também é seminarista da Diocese Anglicana do Recife, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB). E-mail: rafaelvilaca.e.costa@gmail.com.

² Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (1986), graduação em Teologia pelo Instituto Teológico João Paulo II, convalidado pela UNIFIL (2017) e mestrado em Teologia pelo Instituto Santo Anselmo em Roma (1996), revalidado pela PUC Rio (2008). Atualmente é professor do Centro Universitário da Grande Dourados, professor da Faculdade UNIGRAN Capital e professor do Instituto Teológico João Paulo II. Professor na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática, desde 1997. Coordenador e professor na Universidade Católica Dom Bosco.

1 INTRODUÇÃO

Após quatrocentos anos de separação entre as Igrejas Anglicana e Católica Romana, o Arcebispo de Cantuária Michael Ramsey visitou o Papa Paulo VI, em Roma, no ano de 1966. Esse evento histórico marcou o início de uma série de encontros ecumênicos entre as duas denominações, a partir dos quais foi formada a Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (*Anglican Roman Catholic International Commission* – ARCIC, em inglês). A partir dessa comissão bilateral, iniciou-se o trabalho de diálogo ecumênico a partir de encontros regulares entre representantes da Santa Sé e da Comunhão Anglicana, nos quais são tratadas questões ligadas à doutrina da Eucaristia, do Ministério e Ordenação da Autoridade na Igreja, da Salvação e a Igreja, e da Comunhão Eclesial.

Nesse mesmo espírito, em 1982 surgiu a Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana (CONAC), a partir de uma iniciativa conjunta do Sínodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O trabalho encarregado pela CONAC ao longo dos anos foi o de traduzir e estudar os relatórios produzidos pela ARCIC, de modo a apresentar aos fiéis das Igrejas do Brasil os frutos do trabalho da Comissão Internacional, dar testemunho da unidade e propor caminhos para que as denominações se conheçam melhor, cooperem naquilo que for comum e respeitem as diferenças dentro da pluralidade existente nas teologias anglicana e católica romana.

Porém, após os anos 2000, percebemos um *hiatus* no trabalho da Comissão Nacional, que de alguma forma, estagnou, durante um período marcado por novas configurações institucionais no Papado e o Ecumenismo – a transição do pontificado de João Paulo II para o de Bento XVI e a instituição da Constituição Apostólica *Anglicanorum Coetibus*, em 2009 – e na Comunhão Anglicana, com a fragmentação e tensões surgidas na mesma – a ascensão da GAFCON e grupos contrários ao avanço da ordenação feminina e de novas pautas teológicas assumidas por algumas Igrejas da Comunhão, como a ordenação e o casamento religioso de pessoas homoafetivas – as quais geraram cismas dentro de denominações anglicanas que se aprofundaram em tais questões, a exemplo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Em face dos novos desafios que surgiram para o campo ecumênico brasileiro, especialmente a nova configuração do mercado religioso brasileiro – com a ascensão das teologias carismática e neopentecostal, após os anos 2000, marcadas por uma resistência doutrinária ao Ecumenismo do século XX, por conta do ideário de conversão e de confronto ao “diferente” –, somada à falta de articulação da CONAC nos últimos anos, para trabalhar

conjuntamente em temas e assuntos de interesse comuns – a partir das mudanças surgidas no período de Bento XVI e da crise institucional na Comunhão Anglicana –, este trabalho visa atualizar as pesquisas sobre o Ecumenismo, tomando por objeto de pesquisa o trabalho realizado até então pela Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana, sendo, pois, uma pesquisa inédita, acerca do objeto estudado.

De que maneira a CONAC pode dar continuidade ao diálogo entre as Igrejas Anglicana e Católica Romana do Brasil, no atual contexto da Comunhão Anglicana e do pontificado do Papa Francisco? Para responder a estas perguntas, buscaremos analisar o trabalho desenvolvido pela Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana (CONAC), a partir de um breve histórico do diálogo ecumênico realizado entre as Igrejas Anglicana e Católica Romana no Brasil, analisando os avanços e problemas surgidos desde o surgimento da Comissão Nacional, para que possamos propor possíveis soluções para a continuidade dos trabalhos, pautadas no conceito do ecumenismo prático.

2 BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DA ARCIC E DA CONAC

Não é possível falar do diálogo anglicano-católico romano sem falar do movimento ecumênico. Ao contrário do que se imagina popularmente, o Ecumenismo enquanto movimento surgido entre as Igrejas Cristãs não tem origem na Igreja Católica Romana.

Historicamente, “o movimento ecumênico surgiu no seio das Igrejas e Comunidades Eclesiais derivadas da Reforma. Não só a Igreja Católica, mas também as Igrejas orientais ortodoxas aderiram muito mais tarde ao movimento ecumênico” (CNBB, 1979, p. 178), uma vez que este nasceu junto com as federações, uniões e conferências interconfessionais, a exemplo da Conferência de Lambeth da Igreja Anglicana (1867), a Conferência Metodista Mundial (1881), a Convenção Luterana Mundial (em 1947, transformada na Federação Luterana Mundial), e outras reuniões do gênero.

O ano de 1960 pode ser considerado o marco inicial do diálogo anglicano-católico romano, quando, em um gesto considerado inédito, o Papa João XXIII recebeu o Arcebispo de Cantuária Geoffrey Fisher, sendo o primeiro encontro entre ambos os líderes das respectivas Igrejas desde a Reforma inglesa. No ano seguinte o Papa recebeu pela primeira vez, como chefe do Estado do Vaticano, a Rainha da Inglaterra.

Como consequência direta de encontros ecumênicos que desenvolvia há anos com patriarcas ortodoxos, antes mesmo do seu pontificado, Angelo Roncalli sentiu que era o momento de traçar novos fundamentos para uma Igreja que necessitava dialogar com o

mundo moderno. Em 1961 foram publicadas as encíclicas *Mater et Magistra*, no mês de maio, atualizando a Doutrina Social da Igreja; *Aeterna Dei Sapientia*, em novembro, em que conclamava os cristãos à unidade; e por ocasião do Natal, publicou a bula *Humanae salutis*, convocando o Concílio Vaticano II para o ano seguinte. A 1ª sessão de trabalhos foi aberta em 11 de outubro, encerrando-se em 8 de dezembro de 1962, em Roma.

Com a morte de João XXIII, coube ao novo Papa, Paulo VI, eleito em 21 de junho de 1963, a tarefa de dar continuidade ao Concílio, que foi concluído em 8 de dezembro de 1965, em sua 4ª sessão. Durante as reuniões, em 21 de novembro de 1964, Paulo VI publicou o Decreto Conciliar *Unitatis Redintegratio*, que tratava sobre o Ecumenismo. Este documento possui grande importância, pois nasceu diretamente do espírito do Concílio Vaticano II, por meio dos debates promovidos e dos anseios levados à Roma pelos padres conciliares.

A partir desse documento, a Igreja Católica traçou os princípios que deveriam ser utilizados para o diálogo com outras denominações cristãs, fundamentando tal prática no desejo de Jesus Cristo de que recuperar a unidade de todos os cristãos. Inclusive, em suas palavras iniciais, o Decreto afirma que “Ele fez nascer entre os nossos irmãos separados um movimento para recuperar a unidade de todos os cristãos. Esse movimento de unidade é chamado movimento ecumênico” (CNBB, 2005, p. 28). Sobre o termo, “irmãos separados”, utilizado no Decreto Conciliar, vale ressaltar que atualmente ele não é mais utilizado, vistos os avanços promovidos pelos encontros ecumênicos.

A expressão “irmãos separados” é própria do Decreto Conciliar *Unitatis Redintegratio* e, como tal, é usada quando se cita o documento. À época do Concílio, era sinal de avanço. Hoje essa expressão já está superada, como vemos na Encíclica *Ut Unum Sint* e em outros textos oficiais. Atualmente, a expressão mais usada é “outros cristãos” (CNBB, 2005, p. 31).

Seguindo o espírito do nascente ecumenismo dentro da Igreja Católica, em 1966 aconteceu um segundo encontro entre os líderes das Igrejas Católica Romana e Anglicana, quando o Papa Paulo VI se reuniu com o Arcebispo de Cantuária, Dr. Michael Ramsey. Do compromisso assumido pelos dois, nasceu a Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (ARCIC). A partir de então, a Igreja Católica Romana e a Comunhão Anglicana entraram num processo de diálogo fecundo, que se tem caracterizado pela descoberta de significativos elementos de fé que compartilhamos e por um desejo de manifestar o que temos em comum, conjuntamente, através do testemunho, da oração e do serviço.

Em 1981 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Sínodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil começaram os trabalhos para o estabelecimento então chamada Comissão

Bilateral Anglicana-Católica Romana, posteriormente intitulada Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana. Após estas reuniões preparatórias, em 1982 a CONAC foi oficialmente organizada, sendo escolhida a cidade de São Paulo como a sua sede.

Um dos destaques que damos nesse processo é o papel central da Casa da Reconciliação³, de propriedade da Arquidiocese de São Paulo, que serviu de local para as reuniões e onde se encontra o arquivo da Comissão. O atual responsável é o padre José Bizon, que relata em sua obra sobre o Ecumenismo a composição da Comissão, que se dá da seguinte maneira: “a Câmara dos Bispos da Igreja Anglicana escolhe os seus representantes e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil escolhe os seus. A coordenação da Comissão se dá com um bispo de cada uma das tradições” (BIZON; DRUBI (Orgs.), 2004, p. 12).

A importância da CONAC não se revela apenas na busca de estabelecer um diálogo a nível nacional entre as duas denominações cristãs, mas, sobretudo, em ter realizado um profícuo trabalho desde a sua fundação, indo além da tradução dos documentos da ARCIC e outras iniciativas, que por muito tempo, construíram um Ecumenismo com sólidas bases.

3 O TRABALHO DESENVOLVIDO PELA CONAC

A proximidade entre anglicanos e católicos era bastante visível nos anos 80. Uma confirmação desse fato se deu no dia 18 de maio de 1987, quando o bispo anglicano Desmond Tutu, ao visitar a cidade do Recife, fez questão de se encontrar com Dom Helder Câmara. Além da agenda de visitas à Igreja Anglicana e outras formalidades com autoridades locais, uma foto do abraço entre o sul-africano vencedor do prêmio Nobel da Paz de 1984 e o Arcebispo de Olinda e Recife – que havia sido boicotado pelo regime militar de concorrer ao Nobel, em anos anteriores –, tornou-se à época um dos símbolos do Ecumenismo no Brasil.

Este clima de cordialidade e cooperação mútua, sem dúvida, ajudou a CONAC no desenvolvimento dos trabalhos, não apenas teológico-acadêmicos, mas também prático-pastorais. No campo teológico-acadêmico, sem dúvida a maior contribuição foi a tradução e estudo dos vários documentos produzidos pela Comissão Internacional Anglicano-Católica

³ A Casa de Reconciliação tem origem na década de 80, com a chegada da Congregação dos Frades Franciscanos da Reconciliação, uma comunidade católica dos Estados Unidos que tinha como Carisma criar laços de Unidade e de Fraternidade entre os diferentes credos. Logo passaram a articular e facilitar o trabalho ecumênico já realizado pela Arquidiocese de São Paulo. Em 1994, com o retorno dos Frades da Reconciliação para os EUA, a casa foi doada para a Arquidiocese, que passou a utilizá-la como centro de estudos e reuniões de suas comissões e movimentos ecumênicos. Dentre os primeiros grupos que ali se estabeleceram, destacamos o Movimento de Fraternidade de Igrejas Cristãs (MOFIC); a Comissão Arquidiocesana de Ecumenismo e de Diálogo Inter-religioso da Arquidiocese de São Paulo (CEDRA) – a antiga CEA; a Comissão Nacional de Diálogo Anglicano Católico-Romano (CONAC); e a Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico Judaico (DCJ).

Romana (ARCIC), que deram origem às obras *Relatório Final* (1990), *Unidos no Diálogo: Anglicanos e Católicos* (1992), *O Dom da Autoridade* (1999), *Vida em Cristo* (2001), *Maria: Graça e Esperança em Cristo* (2005) e *Crescer Juntos na Unidade e na Missão* (2010). Também destacamos o trabalho voltado para a importância do Ensino Religioso com programas ecumênicos, nas escolas públicas, bem como a recomendação que a disciplina “Ecumenismo” fosse introduzida nos currículos das faculdades e seminários teológicos das Igrejas Cristãs no Brasil.

Durante essas décadas de trabalho, algumas datas merecem destaque. Nos dias 20 e 21 de novembro de 1992 foram celebrados os dez anos de fundação da CONAC, em um encontro realizado na cidade de São Paulo, que contou com vinte e um participantes, vindos de vários estados do Brasil e um representante de Portugal. O fruto mais concreto do encontro foi a obra *Unidos no Diálogo: Anglicanos e Católicos*, publicada neste mesmo ano.

Vindos de várias partes do Brasil no espírito fraterno que sempre nos caracterizou, os membros da CONAC (Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana) se reuniram na Casa da Reconciliação, em São Paulo, para comemorar os 10 anos da Comissão. Nestes dois dias, em oração e louvor a Deus, refletimos sobre a nossa vocação ecumênica e julgamos nossa caminhada à luz da palavra de Deus, da realidade ecumênica e das experiências vividas e nos propusemos algumas ações para o futuro. Apesar das dificuldades que se apresentam ao diálogo em nível internacional, constatamos o vivo desejo de todos de continuar em nosso esforço comum e mesmo ampliá-lo (CONAC, 1992, p. 125).

No campo prático-pastoral, ao longo dos anos houve um esforço para a promoção das Campanhas da Fraternidade Ecumênicas de 2000, 2005 e 2010. Em nível internacional, a CONAC participou do Encontro Internacional em Mississauga, Canadá, em 2001, com Dom Glauco Soares de Lima, representando a IEAB, e Dom Antônio Celso de Queiroz, representando a CNBB.

A Comissão participou do encontro de bispos anglicanos e católicos romanos, procedentes de treze países, em Mississauga, grande Toronto, Canadá, de 14 a 20 de maio de 2000, convocados por Sua Eminência o cardeal Cassidy e Sua Graça o arcebispo George Carey. Como resultado desse encontro a Comissão já organizou dois encontros no Brasil de bispos da Igreja Anglicana e da Igreja Católica, e está se preparando para o terceiro encontro (BIZON; DRUBI (Orgs.), 2004, p. 12).

Como consequência dos três grandes encontros entre bispos anglicanos e católico-romanos no Brasil, ocorridos em 2001, 2003 e 2007, que marcaram o diálogo entre as duas

Igrejas, também foram produzidas liturgias comuns para as celebrações ecumênicas. Em especial, o encontro do ano de 2007 merece destaque pela celebração dos vinte e cinco anos de instalação da CONAC.

Dom Maurício Andrade, Primaz da IEAB e dom Odilo Pedro Scherer, cardeal arcebispo de São Paulo, receberam juntos dezenas de bispos anglicanos e católicos, reverendos, padres e centenas de leigos das duas igrejas, que acorreram, ontem, à Paróquia Anglicana da Santíssima Trindade, em São Paulo, para celebrar os 25 anos de instalação da Comissão Nacional Anglicano- Católico-Romana – Conac. Organizado pelo padre José Bizon, da Casa de Reconciliação - Conac e pelo rev. Arthur Cavalcanti, pároco da Santíssima Trindade, o Ofício de Vésperas incluiu orações na versão ecumênica – o Credo e o Pai Nosso, tradicionais hinos anglicanos e cânticos à Virgem Maria. O pregador foi dom José Alberto Moura, arcebispo de Montes Claros (MG) e presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e para o Diálogo Inter-religioso da CNBB (DIOCESE ANGLICANA DE BRASÍLIA, 19 abr. 2007).

Dentre as fontes escolhidas para analisar os trabalhos da Comissão Nacional, as principais são os relatórios da comissão de relações ecumênicas da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, apresentados a cada Sínodo da instituição. A partir da criação da CONAC, em 1982, temos os seguintes relatórios, nos respectivos Sínodos realizados.

Sobre o Documento Bilateral da ARCIC (Anglicana Roman Catholic International Committee): (a) Grupo Meridional – Sul-Occidental: Rev. Luiz Osório Pires Prado, Rev. Oswaldo Kickhöfel, Rev. Laudelino Corrêa Gusmão e Rev. Carlos Getúlio Hallberg; (b) Grupo Central – Sul-Central: Revmo. Dom Sumio Takatsu, Rev. Jaci Correia Maraschin, Rev. Sydney Alcoba Ruiz e Rev. Celso Franco de Oliveira; (c) Revmo. Dom Edmund Knox Sherrill, Rev. Paulo Ruiz Garcia, Rev. Júlio Pedro Seelig e Profa. Yara Lins Silva (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 1984, p. 23).

Nas Atas do Sínodo de 1984, acima transcritas, temos a eleição da primeira comissão que representaria a IEAB para iniciar os trabalhos de tradução do documento da ARCIC. Destacamos a escolha dos membros para que cada diocese fosse contemplada com seus respectivos representantes. Entretanto, percebemos a participação de apenas uma mulher, dentro do universo masculino. Este passo institucional foi importante para o início dos trabalhos, os quais passaram a serem registrados também nas Atas dos Sínodos seguintes.

Comissão Bilateral Anglicana-Católica Romana, nomeada respectivamente pelo Sínodo e pela CNBB, já completou a tradução do documento ARCIC (da Comissão Internacional) como já foi mencionado anteriormente e está

em fase de fazer uma tradução popular dos documentos para o uso nas igrejas. A tradução oficial terá o prefácio do Primaz e do Presidente da CNBB, apreciação crítica de ambas as Igrejas, e o comentário da própria Comissão. A nossa apreciação já entregue ao CONIC é o que a Câmara dos Bispos pronunciou a respeito e encontra-se apenso a este relatório (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 1986, p. 55).

Este documento da ARCIC citado nas Atas do Sínodo de 1986 é a obra *Relatório Final* (1990), sendo a primeira tradução em língua portuguesa e publicada no Brasil. O destaque desse documento é o parecer emitido ao final do livro pela CONAC, comentando cada um dos tópicos abordados pela ARCIC (Doutrina Eucarística, Ministério e Ordenação, Autoridade na Igreja, *Jus Divinum*, Jurisdição e Infabilidade).

Continuam os trabalhos em São Paulo. A Comissão tem dado atenção às pesquisas realizadas, a nível internacional, em torno das Ordens Anglicanas. Dois pontos merecem a nossa atenção: 1 – o reconhecimento, a nível das pesquisas, de que o Ordinal em uso na Igreja da Inglaterra na época da Reforma estava baseado nas tradições antigas do Ocidente e do Oriente. E a forma imperativa: recebe o Espírito Santo, estava em uso na Idade Média. Hoje a Igreja Católica Romana com o retorno ao padrão primitivo reencontra-se com o anglicanismo. 2 – Quando o papa da época decidiu declarar nulas as Ordens anglicanas o fez com um bom número de assessores esclarecidos opinando o contrário. Na ocasião da visita do Arcebispo de Cantuária a São Paulo, a CONAC preparou a liturgia do culto ecumênico realizado na Catedral da Sé, onde vieram cerca de mil pessoas, numa segunda-feira à noite, e, houve procissão do clero da Catedral, os bispos e os representantes ecumênicos, que vieram até do Estado do Espírito Santo. Ali o Arcebispo foi saudado pelo Cardeal de São Paulo como mensageiro de Deus, apóstolo da paz, amigo dos pobres e defensor dos direitos humanos (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 1990, p. 63-64).

Durante a visita do Arcebispo de Cantuária ao Brasil, foi realizada a primeira liturgia ecumênica do gênero, com grande participação dos membros das duas denominações.

Esta comissão tem se reunido regularmente. Suas atividades constaram de leituras e estudos sobre artigos referentes ao papado, suas estruturas, problemas e sugestões por parte de autores católicos romanos em outros países. A atividade mais recente foi o lançamento do Texto base da CF 2000 Ecumênica, juntamente com o MOFIC e a Associação de Educação Católica/SP, com a presença de cerca de 600 pessoas, sendo a maioria professores católicos romanos nas instituições educacionais do estado, do município e dos particulares (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 2000, p. 57).

A partir da segunda década dos anos 2000, com os trabalhos concentrados em São Paulo, a IEAB buscou priorizar a participação de clérigos e clérigas oriundos dessa região

eclesiástica. Neste período, damos destaque à participação do clero da Diocese Anglicana de São Paulo (DASP), a exemplo dos bispos Dom Sumio Takatsu, Dom Hiroshi Ito e Dom Roger Bird, dos reverendos Jaci Maraschin, Francisco César, Arthur Cavalcante, Tadeu dos Santos, Sérgio Pacheco e das reverendas Carmen Kawano e Valéria Silva. Do lado católico romano, destacamos a participação dos bispos Dom Décio Pereira, Dom Antônio Celso de Queiroz, Dom Caetano Ferrari, dos padres Alcides Costa, Alcides Pinto da Silva, José Bizon, Paulo H. Gozzi, e das irmãs Gisa Fonseca e Palmira Miranda.

4 PROBLEMAS E *HIATUS* NO DIÁLOGO ECUMÊNICO

Desde o início da década de 80, a Igreja Católica Romana dava sinais de preocupação quanto aos avanços das pautas relativas à Ordenação Feminina na Comunhão Anglicana. O próprio relatório da Comissão de Relações Ecumênicas para o Sínodo da IEAB de 1986 destacava os entraves surgidos na ARCIC.

A Comissão Bilateral Anglicano-Católica Romana foi incumbida, nesta segunda fase, de tratar do Crescimento para Reconciliação entre ambas as Comunhões. E a correspondência havida entre o Arcebispo de Cantuária, o Papa João Paulo II e o Cardeal J. Willebrands, no período de 20 de dezembro de 1984 a 16 de junho de 1986, indica que constará das pautas da Comissão as questões referentes à Ordenação Feminina, reconhecimento das Ordens Anglicanas e outros impedimentos para a unidade. No que se refere ao reconhecimento das Ordens Anglicanas, é persuasão católica romana que haverá solução desse problema quando houver acordo mútuo entre ambas as Igrejas em matéria de Eucaristia e Ministério (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 1986, p. 49-50).

Ao contrário do texto apresentado no Sínodo de 1990, quando a CONAC havia destacado os avanços no diálogo acerca da validade das Ordens Anglicanas, a situação nos anos 2000 mudou drasticamente, sobretudo com o avanço da ordenação feminina para os três ministérios, bem como a aprovação da ordenação e do casamento de pessoas homoafetivas, a exemplo da eleição e ordenação do bispo Gene Robinson, na Igreja dos Estados Unidos, que gerou grande controvérsia e divisão entre as Igrejas da Comunhão Anglicana, no chamado Grande Cisma do Recife⁴, ocorrido na Diocese Anglicana desta cidade.

⁴ Em 2004, o então Bispo da Diocese Anglicana do Recife, Robinson Cavalcanti, rompeu com a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil devido a conflitos internos surgidos entre grupos progressistas e conservadores da Diocese, ocorridos à mesma época da eleição do bispo homoafetivo Gene Robinson, para a Diocese de New Hampshire da Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Deste cisma originou-se a Igreja Anglicana no Brasil, que filiou-se à Conferência Global do Futuro Anglicano (GAFCON), grupo surgido de uma série de conferências de bispos e líderes anglicanos de linha conservadora, que se reuniram em Jerusalém, em 2008, para discutir os avanços da

Na semana passada, a Comissão Internacional Anglicano-Católica (ARCIC) reuniu-se em Roma para uma nova rodada de discussões ecumênicas. Agora que os anglicanos têm bispas, bispos homossexuais e estão bem adiantados no longo do caminho em direção ao casamento de pessoas do mesmo sexo, há algum ponto de comunhão? Os cínicos argumentam que esse tipo de reunião ecumênica é mera fachada. Um analista comparou o evento às rodadas intermináveis de *détente* [relaxamento das tensões diplomáticas entre EUA e URSS na década de 1970] durante a era soviética, em que ambos os lados apertavam as mãos e sorriam para as câmeras, mas estavam realmente esperando para ver que lado iria criar a divisão primeiro (IHU UNISSINOS, 11 mai. 2015).

Durante todo o século XX a Comunhão Anglicana sofreu fragmentações com o surgimento do Movimento Carismático, Movimento Continuant e grupos anglo-católicos ou evangélicos que saíram das suas respectivas Províncias, por discordarem de posições teológicas ou doutrinárias assumidas por estas Igrejas, a exemplo da Ordenação Feminina.

A Comunhão Anglicana já não é a mesma depois da ordenação sacerdotal da Revda. Li Tim Oi, primeira presbítera anglicana. [...] É bem verdade que algumas Províncias ainda não aceitaram a ordenação presbiteral e episcopal para as mulheres, mas creio que isto é apenas uma questão de tempo (AQUINO, 2000, p. 117).

Devido à contestação de alguns grupos anglo-católicos, por não se sentirem mais identificados ou representados dentro da Comunhão Anglicana pelas posturas liberais de algumas Igrejas, ou na própria GAFCON, que assumiu uma identidade mais evangélica, vislumbrou-se um crescente desejo de muitos anglicanos ingressarem na Igreja Católica Romana, sem, no entanto, abrirem mão dos seus costumes. Esse movimento de “retorno à casa”, como foi interpretado na época pelos católicos romanos e os anglicanos em questão, foi acolhido pelo Papa Bento XVI, quando o pontífice, em 2009, erigiu o sistema do Ordinariato Pessoal para Anglicanos, por meio da Constituição Apostólica *Anglicanorum Coetibus*⁵. Assim, de modo unilateral, a Igreja Católica Romana criou uma estrutura eclesial para receber anglicanos preservando seus costumes que tinham fundamento no período pré-Reforma.

“corrente liberal” e os riscos do crescente “secularismo” dentro das Igrejas Anglicanas. Desta reunião surgiu esta nova “Comunhão” de Igrejas que apoiavam tais posicionamentos. Atualmente, a Igreja Anglicana no Brasil é liderada pelo Arcebispo Miguel Uchôa, tendo a sua sede em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco.

⁵ Entre 2011 e 2012 a Congregação para a Doutrina da Fé criou três ordinariatos pessoais, ou seja, para serem administrados pelos fiéis, sob a supervisão de um bispo católico romano, mas sem um território definido, como uma diocese. Sua constituição segue o modelo dos ordinariatos militares. Os três ordinariatos foram criados na seguinte ordem: Ordinariato Pessoal Nossa Senhora de Walsingham (*Personal Ordinariate of Our Lady of Walsingham*), para a Grã-Bretanha; Ordinariato Pessoal da Cátedra de São Pedro (*Personal Ordinariate of the Chair of Saint Peter*), para o Canadá e Estados Unidos; e o Ordinariato Pessoal de Nossa Senhora do Cruzeiro do Sul (*Personal Ordinariate of Our Lady of the Southern Cross*), para a Austrália e Japão.

Devido a esse processo de perda de fiéis e de patrimônio, ocorreu um desgaste nas relações Roma-Cantuária, que somente foram resolvidas com os encontros entre o Papa Francisco e o Arcebispo Justin Welby, nos anos de 2016 e 2017. A eleição do Papa Francisco revelou uma nova política adotada pela Igreja Católica ao inverter a lógica das relações ecumênicas do papado de Bento XVI. Ao invés de incentivar e facilitar o ingresso de anglicanos na Igreja Católica, o novo Papa optou que estes permanecessem em suas Igrejas, postura esta que havia evidenciado quando da criação dos Ordinariatos.

Em 2009, quando o Papa Bento XVI criou o ordinariato pessoal, a nova estrutura jurídica para os anglicanos que se convertem ao catolicismo, Bergoglio chamou o bispo Gregory Venables, primaz anglicano do Cone Sul (em comunhão com Canterbury) e residente em Buenos Aires. Durante o almoço, recorda Venables, ‘disse-me muito claramente que o ordinariato era algo absolutamente desnecessário e que a Igreja precisava de nós como anglicanos’ (IHU UNISSINOS, 03 fev. 2015).

Neste mesmo período pós-Bento XVI, ocorreu uma retomada dos trabalhos da Comissão Internacional, quando a ARCIC III se reuniu no Rio de Janeiro, em 2013. Além de ser a primeira reunião da Comissão Internacional na América Latina, ela contou com amplo apoio dos bispos anglicanos e católicos brasileiros. Esse encontro deu origem ao documento *Caminhando Juntos pelo Caminho: Aprendendo a Ser Igreja - Local, Regional, Universal* (livre tradução do inglês, ainda sem previsão para publicação em português).

A Comissão Internacional Anglicana/Católica Romana (ARCIC), órgão oficial de diálogo teológico criado pelas duas comunhões, realizou a terceira reunião de sua nova fase (chamada ARCIC III) no Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, de 29 de abril a 7 de maio de 2013. Foi a primeira vez em sua história de quarenta anos que a ARCIC se reuniu na América Latina e, mais precisamente, no hemisfério sul. [...] Vários textos foram preparados para a reunião. A discussão desses textos ajudou a Comissão a prosseguir rumo ao objetivo de produzir uma declaração conjunta. Nesta terceira fase, a Comissão tem o mandato de explorar *a igreja como comunhão, local e universal e como – em comunhão – a igreja local e universal chega ao discernimento do ensino justo em questões éticas*. Em cumprimento a esse mandato, os membros da comissão se dedicaram à análise teológica e à reflexão compartilhada sobre a natureza da igreja e sobre as estruturas que contribuem para o discernimento e a tomada de decisão (SNIEAB, 08 mai. 2013).

Após um *hiatus* de publicações da ARCIC, a mesma voltou a divulgar um novo documento em 2017, fruto de reuniões na Alemanha, como parte das celebrações dos 500 anos da Reforma Protestante. Os temas trabalhados neste novo documento, ainda não

traduzido para o português, enfatizavam dois assuntos já aprofundados em documentos anteriores: autoridade e eclesiologia. Essa retomada dos referidos temas, deveu-se aos entraves enfrentados na primeira década de 2000, pelas divergências teológicas surgidas pelos avanços no campo ministerial e teológico de algumas Igrejas da Comunhão Anglicana.

Seu último documento foi “Maria: Graça e Esperança em Cristo”, de 2005, com um hiato desde então até 2010, depois que o Papa João Paulo II se posicionou contra a nomeação do bispo episcopal de New Hampshire, Gene Robinson, que é abertamente gay e depois também revelou estar em um relacionamento. O novo documento, fruto de um acordo em uma reunião em Erfurt, na Alemanha, em 2017, publicado on-line de forma discreta na manhã do dia 2 de julho de 2018, faz parte do que a comissão considera a terceira fase do trabalho. Os co-presidentes do grupo - Bernard Longley, arcebispo de Birmingham, Inglaterra, e David Moxon, arcebispo anglicano da Nova Zelândia, que acabou de encerrar seu mandato como representante do arcebispo de Canterbury junto à Santa Sé — dizem, no prefácio, que esta fase deve recuperar dois temas de longa data em relação ao diálogo: autoridade e eclesiologia da comunhão (IHU UNISSINOS, 03 jul. 2018).

Da mesma forma que a ARCIC passou por um *hiatus* neste período, da mesma forma a Comissão Nacional estagnou no Brasil, devido a problemas surgidos dentro da IEAB. Até o ano de 2013 a CONAC tinha reuniões regulares, como atestam as notícias e os relatórios da instituição. Entretanto, após a eleição do bispo Flávio Irala e os problemas surgidos com o cisma da Catedral Anglicana de São Paulo⁶, os trabalhos da Comissão não mais avançaram.

Contextualizando o problema, a Diocese Anglicana de São Paulo (DASP) – a qual sempre esteve diretamente envolvida nas atividades da CONAC, por estar localizada no seu foro –, passou por uma crise semelhante à da Diocese Anglicana do Recife. Tornou-se uma Diocese sem Catedral, e no lugar da sé diocesana, o instituto de formação teológica (IAET) foi fechado, e as atividades passaram a girar em torno de Paróquias localizadas na capital, como a Santíssima Trindade, São João e Santa Cruz, esta última, sede do escritório diocesano.

Da mesma forma, neste período, desgastes institucionais abalaram o episcopado do bispo Flávio Augusto Borges Irala, cuja eleição conturbada havia sido a oportunidade para o Deão Aldo Quintão justificar e formalizar sua saída da IEAB. Com o posterior afastamento do bispo Irala e a Diocese sendo supervisionada pelo então Primaz Francisco de Assis, tal

⁶ Em 2013, o então Deão da Catedral Anglicana de São Paulo, o Reverendo Aldo Quintão, também rompeu com a IEAB, assumindo a posse do templo inglês na capital paulista. Diferente do perfil mais tradicional de Robinson Cavalcanti, Aldo mostrou-se uma figura carismática, que não tardou a participar dos principais programas de entrevistas televisivas do país, assim como sair na capa das mais importantes revistas. Atraindo a classe média e alta de São Paulo, a partir de suas celebrações descontraídas, ele tornou a Catedral Anglicana de São Paulo, não mais sede da Diocese da IEAB, mas uma Igreja Particular, cuja liderança é centralizada em sua própria pessoa.

problema somente foi solucionado com a eleição do novo bispo, o Reverendo Francisco Cézar, em 2019⁷.

No meio dessas disputas internas, perda de patrimônio e de fiéis, e a falta de uma liderança episcopal sólida, a DASP não conseguiu mais aprofundar o seu trabalho junto à CONAC. Da mesma forma, apontamos que, durante o pontificado do Papa Bento XVI, a Igreja Católica em São Paulo passou por um avanço de grupos conservadores, a exemplo dos Arautos do Evangelho e a expansão maciça da Renovação Carismática Católica, ambos os movimentos que, em sua teologia e eclesiologia, não vêem com bons olhos o Ecumenismo, tratando-o como um perigo à unidade e doutrina da Igreja.

5 PROPOSTAS PARA UM ECUMENISMO PRÁTICO

Os trabalhos acadêmico-teológicos, de tradução, estudos e promoção dos documentos da ARCIC, já fazem parte das atividades regulares da CONAC. Da mesma forma, as Campanhas da Fraternidade Ecumênicas, mostram a preocupação das Igrejas Cristãs com os temas ali trabalhados, com uma preparação concreta durante a Quaresma e o prenúncio da Páscoa, neste mundo, pela renovação interna da Igreja. Por isso, queremos propor novos passos para a Comissão, inspirando-se em ações pontuais já realizadas no Brasil e no mundo.

Para entender a ideia do que seria o Ecumenismo Prático – no sentido de buscar incluir concretamente as pessoas que estão fora do nosso círculo eclesial –, devemos mergulhar em outro conceito que possui uma conotação especial dentro da Teologia e Eclesiologia Anglicana: a Inclusividade. Esse termo, do inglês *comprehensiveness*, foi traduzido pelo Reverendo Jaci Maraschin, que definiu seu conceito da seguinte maneira:

Na língua inglesa de onde vem o conceito de que estamos falando, se diz *comprehensiveness* que não tem muito a ver com a tradução literal dessa raiz que seria “compreensão”. Aliás, convém anotar que nossos melhores dicionários não registram a palavra *compreensividade* que, se insistíssemos, não passaria de deselegante anglicismo. Afirmar, pois, que uma das características da Comunhão Anglicana seria a *compreensividade* nos levaria a fazer uma afirmação incompreensível. Os melhores dicionários da língua inglesa nos ajudam a entender *comprehensiveness* como *inclusividade* ou *abrangência*. Sempre foi essa intenção dos teólogos anglicanos quando empregaram a palavra. *Inclusividade* significa a disposição para incluirmos na nossa experiência cristã a longa e rica tradição católica da igreja Universal, ao mesmo tempo em que nos abrimos para as redescobertas da

⁷ Eleito em 09 de julho de 2019, Francisco Cézar Fernandes Alves tornou-se o sétimo bispo da Diocese Anglicana de São Paulo. Além de reitor da Paróquia São João, na capital paulista, por muito tempo este integrou a CONAC, representando a IEAB nos eventos ecumênicos promovidos em conjunto com a CNBB.

Reforma Protestante e para as “coisas novas” que o Espírito está constantemente ensinando à igreja. Haverá, certamente, outras formas de inclusividade, mas entre nós essa forma tem sido enriquecedora e geradora de valores e forças espirituais (MARASCHIN, 1995, p. 24).

Tal conceito de Inclusividade, quando aplicado ao Ecumenismo, seria a capacidade do Anglicanismo e do Catolicismo de se permitirem vivenciar mutuamente a *koinonia*, que é o mistério maior da vida da Igreja, visível em sua pluralidade de expressões – ritos, doutrinas e a vida comunitária –, dando novo sentido à expressão “unidade na diversidade”, muitas vezes desgastada pelo seu uso, por ambas as comunidades eclesiais. Seria a experiência concreta da rica tradição da Igreja, por meio de uma abertura à plena comunhão.

A melhor hermenêutica ecumênica é a hermenêutica da comunhão que, por ser capaz de penetrar com profundidade no mistério do Deus Uno e Trino, à luz desse mistério compreende também em profundidade a verdade da Igreja. “O conceito de comunhão (*koinonia*)... é muito adequado para exprimir o núcleo profundo do mistério da Igreja e pode ser, certamente, a chave de leitura para uma renovada eclesiologia católica”. Essa hermenêutica possibilita convergências e consensos teológico-pastorais entre as tradições eclesiais, superando as divergências na compreensão dos elementos que expressam a verdade da Igreja. As tradições particulares assumem sentido universal quando isso acontece (BIZON; DRUBI (Orgs.), 2004, p. 81).

Numa concepção que se fundamenta em uma hermenêutica ecumênica, aberta aos novos desafios do nosso tempo, a inclusividade/*comprehensiveness* em suas diversas facetas litúrgicas, eclesiológicas e pastorais seria fruto direto dos novos ventos do Espírito Santo, que inspira a caminhada da Igreja, que por sua vez é “construída e remodelada na vivência prática do Evangelho e na fidelidade a Jesus Cristo” (CALVANI; OLIVEIRA, 2012, p. 219).

Uma possibilidade de Ecumenismo Prático, a ser experimentada e posteriormente adotada como ação pastoral e litúrgica, é o conceito da Paróquia Conjunta (*Joint Parish*, em inglês), a exemplo da Paróquia dos Santos Apóstolos (*Parish of the Holy Apostles*), nos Estados Unidos. Surgida em 1977, em meio ao espírito ecumênico dos encontros entre as lideranças episcopais anglicanas e católicas romanas, a proposta da paróquia conjunta é de abrigar sob um mesmo teto, as atividades de duas comunidades que vivem a fé em diálogo constante, realizando obras e prestação de serviços à comunidade, e da mesma forma celebrando em um mesmo espaço litúrgico (PAULIST, 31 out. 2016).

Sobre a questão da celebração litúrgica, bastante delicada para a doutrina católica, destacamos a disposição inovadora dos móveis dentro do templo, em cujo presbitério se

encontra um único púlpito, ao centro, para a partilha da Palavra, e dois altares, de cada lado, para a celebração eucarística, segundo os ritos específicos da Igreja Católica Romana e da Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Este modelo aqui apresentado torna-se bastante prático, quando aplicado a capelas em locais distantes, que possam servir para o uso comum.

Trazendo este conceito da Paróquia Conjunta para o Brasil, destacamos a mesma iniciativa recentemente adotada pela Igreja Católica Romana e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB). O acordo firmado entre as duas Igrejas, no dia 10 de julho de 2019, permitiu que ambas utilizassem o mesmo templo, pertencente aos luteranos, na cidade de Palmitos, em Santa Catarina, devido a problemas de estrutura do templo católico.

As comunidades conversaram a respeito dos símbolos, sobre a disposição do altar, a organização para zelar pelo patrimônio, bem como foram criadas as regras para uma boa convivência e utilização do espaço litúrgico. Um bom tempo antes, ambas as comunidades passaram a celebrar suas atividades na igreja evangélica luterana. O curioso é que os cultos e missas passaram a ter maior frequência, conforme relatam as lideranças locais. Agora, quando tem missa, os evangélicos participam. De igual modo, quando tem culto, os católicos também se integram. Todavia, há uma clareza quanto à confessionalidade das partes (CONIC, 23 jul. 2019).

O caso de Palmitos revela uma possibilidade bastante interessante para o avanço do diálogo ecumênico anglicano-católico, que é o uso dos mesmos espaços e altar para ofícios litúrgicos e de oração comunitária. No contexto brasileiro, ainda marcado por dificuldades do ponto de vista litúrgico-doutrinário, a Paróquia dos Santos Apóstolos torna-se um modelo primário: um púlpito compartilhado e dois altares erigidos para cada denominação.

Em relação à divisão de um mesmo altar, já temos precedentes em casos bastante especiais, a exemplo do uso da Capela Ecumênica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cujo presbitério já foi utilizado tanto por católicos quanto por anglicanos de suas respectivas comunidades. Também destacamos a sagração do Bispo Maurício Andrade, atual diocesano anglicano de Brasília, ocorrida em 2003, quando, pela primeira vez, a Catedral Metropolitana de Brasília foi utilizada para um rito de ordenação de um bispo não-católico romano. Por fim, vale ressaltar a autorização dada pelo Arcebispo de Brasília, Dom Sérgio da Rocha, para o uso da capela do Centro de Convenções Israel Pinheiro – de propriedade dos Salesianos –, para a Celebração Eucarística da abertura do 34º Sínodo Geral da IEAB, ocorrido em 30 de maio de 2018 (DIOCESE ANGLICANA DE BRASÍLIA, 10 jun. 2018).

Um exemplo ainda mais recente de Ecumenismo Prático, vivenciado entre anglicanos e católicos no Brasil, foi o convite para a participação de representantes da Igreja Episcopal

Anglicana do Brasil no Sínodo para a Amazônia, que aconteceu no Vaticano, entre 06 e 27 de outubro de 2019. O convite dos representantes anglicanos – o leigo Daniel Lima e o Reverendo Cláudio Miranda, ambos da Diocese Anglicana da Amazônia –, foi feito Secretário Geral da CNBB, intermediado por Dom Teodoro Mendes Tavares, Bispo da Diocese de Ponta de Pedras, na Ilha do Marajó, Pará.

Este convite não apenas reforçou os laços ecumênicos já construídos entre as duas Igrejas, mas, sobretudo, evidencia a proposta principal do Ecumenismo que é incluir aqueles que estão fora da nossa realidade vivenciada, para que, por meio da vivência, as partes possam entrar em comum acordo e construir uma ação conjunta.

O ecumenismo é fundamentalmente perspectiva – em seu sentido epistemológico – compreendida como o fio condutor ou eixo central do desenvolvimento do tratado da eclesiologia. Ele é um tema que perpassa a reflexão teológica sobre a Igreja para explicitar a complexidade da realidade eclesial em seus âmbitos histórico e escatológico. Por meio dessa perspectiva, a Igreja de Cristo aparece como mistério revelado na forma de sacramento de salvação universal, abertura à realidade histórica, sem absolutizá-la, introjetando nela o horizonte escatológico pleno a ser atingido (WOLFF, 2007, p. 205).

O fator lugar de voz para representantes não-católicos dentro de um Sínodo de Bispos para discutir a realidade Pan-Amazônica, transcende as barreiras denominacionais, unindo não apenas católicos e anglicanos, mas as denominações cristãs, em especial, as fixadas no Brasil, em busca da preservação e renovação da Criação, cujo trabalho conjunto, prefigura a Segunda Vinda de Cristo, por meio de Seu desejo “para que todos sejam um...” (João 17:21).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em setembro de 2019, o Padre José Bizon entrou em contato com a Secretária Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, a Reverenda Magda Guedes, para dar continuidade às reuniões da Comissão, que não acontecem há mais de quatro anos. Em seu Sínodo Geral de 2018, a IEAB elegeu as Reverendas Lúcia Dal Pont (Diocese do Paraná) e Carmen Kawano (Diocese de São Paulo), para representarem a Igreja na CONAC. Por parte da Igreja Católica, o Padre Bizon, juntamente com a Casa da Reconciliação continuam a cumprir com seu papel de interlocutores nesse processo dialógico.

O pontificado do Papa Francisco apresenta-se como um momento mais do que favorável para o diálogo, o que deve fomentar avanços significativos nos próximos anos. Vale

ressaltar que muitos problemas ainda precisam ser superados, sobretudo, os esforços humanos em traduzir as novas publicações da ARCIC e estimular o debate em nível institucional. Porém, a trajetória da Comissão Nacional sempre foi pautada no respeito e cooperação mútuos, desde o seu início, de modo que, este trabalho deverá ser retomado em breve.

Por fim, caso anglicanos e católicos desejem manter acesa a chama do Diálogo Ecumênico, em especial, o trabalho promovido pela CONAC, o melhor caminho a ser seguido é a máxima de Santo Agostinho de Hipona: “Nas coisas essenciais, unidade; nas coisas não essenciais, liberdade; e em todas as coisas, amor”.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Jorge. **Anglicanismo**: uma introdução. Recife: Perfilgráfica, 2000.

BIZON, José; DRUBI, Rodrigo (Orgs.). **A Unidade na Diversidade**: coletânea de artigos em comemoração aos 40 anos do decreto *Unitatis redintegratio* sobre o ecumenismo. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão; OLIVEIRA, Vera Lúcia Simões de. **Nossa Identidade**: história e teologia anglicanas. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA. **Relatório Final**. Rio de Janeiro: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1990.

COMISSÃO NACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA. **Unidos no Diálogo**: anglicanos e católicos. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Unitatis Redintegratio - Decreto do Concílio Vaticano II sobre o Ecumenismo**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2005.

_____. **Guia Ecumênico**: normas e orientações da Igreja Católica em matéria de ecumenismo/CNBB. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS. **Luteranos e católicos irão compartilhar templo em Palmitos-SC**. 23 jul. 2019. Disponível em: <https://conic.org.br/portal/noticias/3184-luteranos-e-catolicos-irao-compartilhar-templo-em-palmitos-sc>. Acesso em: 24 jul. 2019.

DIOCESE ANGLICANA DE BRASÍLIA. **Bispos anglicanos e católicos celebram os 25 anos de diálogo ecumênico no Brasil**. 19 abr. 2007. Disponível em:

<http://dab.ieab.org.br/2007/11/19/bispos-anglicanos-e-catolicos-celebram-os-25-anos-de-dialogo-ecumenico-no-brasil/>. Acesso em: 24 jul. 2019.

_____. **Confelíder e Sinodo da Igreja Episcopal Anglicana aconteceu em Brasília.** 10 jun. 2018. Disponível em: <https://www.dab.org.br/project/confelider-e-sinodo-da-igreja-episcopal-anglicana-aconteceu-em-brasilia/>. Acesso em: 24 jul. 2019.

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL. **Atas e Outros Documentos da XXI Reunião do Sinodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB).** Porto Alegre: Departamento de Comunicação da IEAB, 1984.

_____. **Atas e Outros Documentos da XXII Reunião do Sinodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB).** Porto Alegre: Departamento de Comunicação da IEAB, 1986.

_____. **Atas e Outros Documentos da XXIV Reunião do Sinodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB).** Porto Alegre: Departamento de Comunicação da IEAB, 1990.

_____. **Atas e Outros Documentos da XXVIII Reunião do Sinodo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB).** Porto Alegre: Departamento de Comunicação da IEAB, 2000.

IHU UNISSINOS. **Ecumenismo a portas fechadas.** 03 fev. 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/539562-ecumenismo-a-portas-fechadas>. Acesso em: 24 jul. 2019.

_____. **Acabou o ecumenismo entre católicos e anglicanos?** 11 mai. 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/542468-acabou-o-ecumenismo-entre-catolicos-e-anglicanos>. Acesso em: 24 jul. 2019.

_____. **Documento sobre o diálogo católico-anglicano sugere que as igrejas podem aprender uma com a outra.** 03 jul. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/580503-documento-sobre-o-dialogo-catolico-anglicano-sugere-que-as-igrejas-podem-aprender-uma-com-a-outra>. Acesso em: 24 jul. 2019.

MARASCHIN, Jaci Correia. **A Inclusividade Anglicana.** In: Estandarte Cristão. Jornal da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, n. 1733, março-abril-maio de 1995.

PAULIST. **Holy Apostles: The Story of a Catholic and Episcopalian Joint Parish.** 31 oct. 2016. Disponível em: <http://www.paulist.org/the-conversation/holy-apostles-the-story-of-a-catholic-and-episcopalian-joint-parish/>. Acesso em: 24 jul. 2019.

SNIEAB. **Comissão Internacional Anglicana/Católico Romana (ARCIC III).** 08 mai. 2013. Disponível em: <http://sn.ieab.org.br/2013/05/08/comissao-internacional-anglicanacatolico-romana-arcic-iii/>. Acesso em: 24 jul. 2019.

WOLFF, Elias. **A unidade da Igreja:** ensaio de eclesiologia ecumênica. São Paulo: Paulus 2007.